

OPINIÃO

As instituições em perigo?

por Ives Gandra da Silva Martins

O discurso do Presidente da República no México sobre a falta de patriotismo dos políticos, a falência dos partidos e a prevalência dos interesses de grupos sobre o real interesse público, merece diversas considerações sobre os mais variados aspectos, que não cabem neste curto e perfunctório artigo.

Quero, todavia, trazer à reflexão dos leitores do Jornal Notícias Forenses alguns pontos, com as vertentes decorrentes, que me causaram perplexidade em relação à afirmação do presidente.

O primeiro é que a constatação de que o país não tem partidos políticos, mas apenas conglomerados de interesses variados - absolutamente correta - deveria ter sido feita dentro do país e não no Parlamento do México, país que não prima nem por valorizar os partidos políticos, nem por ter políticos e servidores públicos de ilibada reputação. Creio que, por ser o problema mexicano mais agudo que o brasileiro, não deverá S. Exa., ter encontrado lá os adeptos que gostaria de conquistar para sua meditação sociológica.

O segundo aspecto é que, ao declarar o Congresso Nacional um covil de predadores das legítimas aspirações do povo, mais preocupados em alargar os privilégios da representação que os interesses dos representados, a nitidez, demonstrou pouco respeito pelas Casas Legislativas, que, de rigor - em país no qual o legislador maior é o próprio Presidente da República, através das medidas provisórias - só ainda são necessárias para aprovar as

reformas constitucionais e a legislação complementar. O que preocupa, nesta demonstração de pouco afeto, é que foi feita alguns dias antes de receber o presidente Fujimori, que, em seu país, também nunca demonstrou grande apreço a parlamentares, ao ponto de suprimir a colaboração destes em determinado momento de seu governo de exceção.

O terceiro aspecto, é a crítica "light" que faz ao marxismo e a crítica pesada tecida ao neoliberalismo, realçando apenas um dos aspectos do monumental fracasso socialista, e atribuindo os males maiores da crise brasileira e mundial ao neocapitalismo. Valeria a pena que S. Exa. lesse o livro de João de Scantimburgo, *A História do Liberalismo no Brasil*. Talvez assim invertesse a densidade da crítica.

É de se lembrar que suas preferências inequívocas, no passado - e de sua colega e esposa - não poucas vezes são demonstradas, no presente, ao prestigiar à exaustão o sindicalismo de esquerda (CUT) e tolerar o sindicalismo do centro (Força Sindical), ao primeiro ofertando maior espaço que aos políticos e dobrando-se às suas imposições, e ao segundo não ofertando idêntico tratamento.

A evidência, sua crítica à globalização da economia, aos fundos de pensões - que, no mundo inteiro, controlam os grandes investimentos, desta forma assegurando uma aposentadoria melhor que aquela oferecida por todos os governos - e aos investidores em geral, parece esquecer que foi o Plano Real que sucateou o parque industrial nacional, destruiu a produção agrícola, abriu o mercado nacio-



Foto: Ivan Bittencourt

nal aos produtos estrangeiros em condições, melhores que aos nacionais (que suportam maiores tributos, câmbio defasado e juro interno avassalador) num protecionismo às avessas, sobre retirar competitividade dos produtos brasileiros no exterior.

Escrevi, há três meses, artigo intitulado *Fujimorização à moda tucana*, exteriorizando minha preocupação com um estilo cada vez mais auto-suficiente do presidente, que tende para a hipertrofia do Poder Executivo em relação aos demais Poderes e que pode embutir simpatia ao estilo do presidente peruano. O discurso do Chefe da Nação, no México, antes que desfazer minhas dúvidas, fê-las crescer, muito embora reconheça, a bem da verdade, que muitas de suas críticas aos políticos brasileiros procedem. Pergunto, todavia: Será este o caminho melhor para mudar o quadro político-institucional do país? ☐

Ives Gandra da Silva Martins é